

UM PEIXE NO GELO de Ricardo Piglia

Tradução de Wellington R. Fioruci

Emílio Renzi estava no terraço de um bar na praça Carlo Felice, em frente à estação de Turim, de manhã cedo, quando a viu. Não podia ser. Inês estava aí, numa mesa próxima com o tipo de cabelo branco. Com o canalha de cabelo branco que a havia trazido à Europa. Trajava o vestido azul que Emílio lhe havia presenteado e sorria, lindíssima, na claridade do verão.

Ela por sua vez o descobriu, incrédula e um pouco irritada, como se pensasse que Emílio a estivesse seguindo. E a estava seguindo, claro, com a imaginação, desde a tarde que Inês o deixou e se foi para sempre apesar de ele haver lhe dito fica, vamos nos casar.

Havia passado vários meses e agora Emílio estava na Itália com uma bolsa para estudar a obra de Pavese. Havia procurado um pretexto para escapar de Buenos Aires, para deixar de pensar nela e poder esquecê-la e, no entanto, agora a tinha diante de si, sentada sob a sombra das *sombrinhas* coloridas. Aquilo que tememos mais secretamente sempre acontece. O que fazia ela em Turim?

Como se lesse o pensamento dele, a garota lhe fez um gesto de interrogação e depois se levantou e foi para o bar, e antes de entrar no salão, deu meia volta para olhá-lo e moveu o rosto com uma expressão de cansaço que lhe era familiar.

Emílio a seguiu e entrou no local. Não a viu. Os banheiros estavam embaixo, ao lado dos telefones. Havia uma escada e depois um corredor que se perdia na escuridão. Tampouco estava ali. Saiu do salão e voltou para o calor sufocante da rua. Tudo parecia um sonho. Nem ela nem o homem de cabelo branco estavam no bar. Haviam ido embora precipitadamente, talvez pensaram que ele poderia criar-lhes problemas. Ela teria dito a verdade ao homem de cabelo branco? Esse que estão lado é Emílio e vem me seguindo desde Buenos Aires...

A mesa vazia, o dinheiro pousado sobre um pratinho de metal. Duas cervejas. Ela não tomava cerveja quando vivia com ele. E menos ainda de manhã. No chão havia um boleto de trem. Ferrovía Nazionale. Roma-Torino. Haviam chegado de trem? Por que então havia uma só passagem?

Sabia o que estava acontecendo mas não conseguia se acalmar. Encontrava conhecidos por toda a parte. Ao chegar à Itália havia visto de imediato Roberto Rossi, um amigo de La Plata, numa rua de Roma. Era inacreditável que estivesse na Itália e foi cumprimentá-lo, feliz de vê-lo. Rossi ia conversando animadamente com um senhor de idade. Emílio se antecipou, mas não era ele. Grande confusão, explicações, rápidas desculpas.

Dois dias depois, no trem que o trouxe a Turim, viu outro amigo que saía do vagão restaurante, era Mário. Emílio se levantou sorrindo e Mário passou

pelo corredor como se ele fosse invisível. Começou a acreditar que tínhamos um duplo no outro continente, o mundo era um espelho, e tudo estava duplicado, porém fora de lugar.

Uma mulher igual à Inês com o homem de cabelo branco era muita coincidência. Os dois duplos iguais no outro lado do mundo. Não podia ser, alucinava. Atacado por um impulso mimético, via tudo repetido, construía réplicas. Fazia dias que não falava com ninguém. Talvez fosse isso. Ou talvez tinha razão e logo encontraria alguém que era ele mesmo (cabelo crespo, óculos, cara de sonâmbulo) e então... Já sabia o que acontecia com aqueles que encontravam o seu *doppelgaenger*.

Voltou a se sentar à mesa. Procurou seu caderno de capas pretas. Tinha que esquecer e se concentrar em seu trabalho.

Em frente estava o hotel Roma, nesse lugar fazia justamente vinte anos que tinha se matado Cesare Pavese. Abriu o mapa do Piemonte e voltou a situar Santo Stefano Belbo, o povoado estava há uns noventa quilômetros, na região de lasLanghe. Belbo era o nome do rio que atravessava o povoado. Pavese havia nascido aí em 1908, se matou aos quarenta e dois anos. Emílio fez as contas. "me restam quinze anos..., não, quinze não, dezesseis", calculou. "Muitíssimo tempo". Começou a tomar notas. Estava trabalhando no diário de Pavese.

Só quem mantém um diário pode ler o diário que escrevem outros. Sublinhou a última frase e escreveu: só quem mantém um diário pode entender um diário que mantêm outros. Leu a frase e a sublinhou outra vez e ao lado escreveu: só quem escreve um diário pode entender o diário que escrevem outros. Pavese tinha escrito um dos melhores diários que já se escreveu... Porque tinha se matado.

Não conhecia nenhum romancista que tivesse matado ninguém. Era raro. Um escritor de romances que tivesse se transformado num criminoso. Não havia nenhum. Não havia nenhum? O romancista como assassino. Os suicidas são assassinos tímidos.

Pensava no suicídio de Pavese como em um crime que era preciso decifrar. Havia pistas, indícios, testemunhos múltiplos. Não havia um criminoso, só havia estranhos acontecimentos que esperavam uma explicação. *Pagaria a um assassino meu peso em ouro para que me matasse à noite*, havia escrito Pavese.

Olhou o hotel, em frente. Uma garota apareceu na janela do terceiro andar e olhou indiferente para baixo. Era igual a Inês. Era igual a Inês? Todas as mulheres eram iguais entre si. *As mulheres são o povo inimigo, como o povo alemão*. (Isso era de Pavese) Estava desesperado. Não era a repetição mas sim a réplica que dominava a vida. O predestinado, o que repete. A condenação ao idêntico. *Quando vemos que fazemos sempre o mesmo desde sempre não podemos mais pensar no passado sem rancor*.

A perda era o mais atroz que podia acontecer a alguém. Ser abandonado, saber que a pessoa que se ama está com outro. *Oh, tu, tem piedade. Vê-la com outro. Esse é o estado de ânimo em que se cometem os delitos*.

Havia reconstruído o itinerário final de Pavese. Preparou a mala que usava para suas viagens breves e só levou consigo o manuscrito do Diário e os

Diálogos com Leucó, seu livro preferido. Abandonou para sempre a casa da via Lamarmora onde vivia com sua irmã, se despediu com um simples adeus de Ernestina que o havia criado, desceu a escada e foi tomar o trem na Porta Nuova, mas no lugar de ir à estação se dirigiu ao Albergo Roma.

Pediu um quarto com telefone, lhe deram o 23 no segundo andar. Uma acomodação simples, com uma cama e uma mesa e uma poltrona vermelha. Da janela via o bar onde agora estava sentado Renzi e mais atrás mercado público e a estação. No hotel, por volta das seis da tarde, Pavese escreveu a última carta para sua irmã, que estava de férias na praia de Serralunga. Era uma carta triste e era um adeus.

Hospedei-me em um hotel que me custa muito pouco e durmo perfeitamente. As camisas e os casacos são lavados pelo hotel. Não é necessário que volte segunda-feira 21. Eu estou bem, como um peixe no gelo. Dentro do envelope pôs 5 mil liras.

Nessa mesma tarde uma amiga de Pavese, Bona, o encontrou por acaso na via Po. Estavam em pleno feriado de agosto, a cidade vazia, como agora. Com o olhar ardente, Pavese caminhava a passos largos e parecia febril. Bona teve que segui-lo até o vizinho café Florio. Estava apaixonado por uma atriz estadunidense e ela o havia abandonado. Não podia deixar de pensar nessa mulher. A via em toda parte. Pavese lhe disse que estava em Turim incógnito, que queria descansar, ninguém tinha que saber que o havia visto. Manteve-se firme e sossegado, implacável e preciso. Foram depois jantar em uma cervejaria às margens do Po. Conversaram com serenidade, de coisas sem importância. Então, olhando a água escura do rio, fez uma observação de que não gostaria de se afogar. "Melhor o veneno", disse. Separaram-se por volta de meia-noite.

Então, como era de se presumir, Pavese rondara a cidade vazia até que por fim voltara para o hotel tarde da noite. O recepcionista o havia visto entrar e Pavese lhe pediu que não o molestassem. A luz ficou acesa a noite toda. Na madrugada do dia 18 de agosto, escreveu a última página de seu Diário.

Aquilo que tememos mais secretamente sempre acontece. Escrevo: oh, tu, tem piedade. E então? Basta um pouco de coragem. Quanto mais determinada e precisa a dor, mais se debate o instinto de vida, e sobrevém a ideia do suicídio. Ao pensar nisto, parecia fácil. Entretanto, mulheres frágeis o fizeram. Requer-se humildade, não orgulho. Tudo isso dá nojo.

Basta de palavras. Um gesto. Não escreverei mais.

O Diário terminava aí. Tudo estava decidido.

E apesar disto, uma semana se passou antes de Pavese se matar. Suicidou-se pouco tempo depois no sábado 26 de agosto. Renzi estava comovido com esses dias finais. Pavese sozinho na cidade vazia. Busca forças para se matar. O que fez. Viveu ainda mais oito dias, embora para si mesmo já estivesse morto. O condenado. O morto vivo.

Quanto tempo pode sobreviver, imóvel, o peixe no gelo. Os olhos atentos à brancura transparente; a imobilidade total.

O trem estava quase vazio. Renzi sentou-se num canto, junto à janela, e viajou pelo Piemonte olhando a paisagem. LasLanghe de Pavese eram estas. Nos poemas pareciam mais belas, mais exóticas. *O diabo na colina*. Pareciam-se com Tandil, com as serras de Tandil onde Emílio havia passado os verões na sua infância. Assim são as paisagens da literatura, pensou. Ruínas da infância. Em *A lua e as fogueiras* protagonista voltava depois de anos de ausência e percorria estes mesmos povoados. *Nos velhos tempos, chamávamos a colina, como quem chama o mar ou a selva. Não era um lugar como os outros, era uma forma da realidade, um modo de viver.*

A luz do meio dia dava às colinas um ar fantasmagórico, pareciam transparentes de tão claras. *Hills likewhiteelephants*. Os terrenos cultivados e as casas amarelas entre as árvores e o suave declive dos caminhos e os cercados de ligustro estavam aí desde sempre. Os vinhedos eram tão antigos como o dialeto do Piemonte.

Um homem parado ao sol em mangas de camisa e com um chapéu negro olhou o trem passar. Era seu tio Nazareno. O olhar tranquilo, o cigarro Avanti apagado entre os lábios, os bigodes amarelos pelo tabaco, a pele curtida. Claro que seu tio Nazareno havia morrido quando Emílio tinha dez anos. (Fazia um tempo, antes de subir no trem, tinha visto de longe Pancho Alfaro, junto a uma banca, na plataforma 12.)

Estava tão sozinho que tudo lhe parecia familiar. O desespero amoroso como vocação de semelhança. Aquilo que se perdeu é algo único e então o mundo se povoa de réplicas. Aquilo que falta se converte numa repetição vazia. Por isso os amantes abandonados pensam no suicídio. O único ato unívoco que pode terminar com a repetição. *Oh, tu, tem piedade*. Teria que unir a ideia fixa com a repetição. Pensar sempre no mesmo é ver tudo igual.

O trem ascendia lentamente pela colina e os vales abaixo se iluminavam com o ar claro do verão.

Renzi abriu seu caderno de anotações. O Diário de Pavese começava e terminava com duas grandes crises. As mulheres eram o pretexto.

A primeira, em 1936. Eram os anos do fascismo, em Turim as redes de opositores a Mussolini multiplicavam-se. Pavese estava comprometido com a garota da voz rouca (*ladonna de lavocerauca de los poemas*), Tina, uma militante comunista; já havia sido presa e condenada anos antes e estava sendo vigiada. Então pediu a Pavese que desse seu endereço para receber correspondência clandestina. Pavese aceitou de imediato. Foi descoberto, sua casa revistada, as cartas o comprometeram, mas desde então Pavese se encarregou de tudo e jamais nominou a mulher. Foi preso, submetido a um processo e então confinado em Brancaleone, na Calabria. Ali começou a escrever o Diário. Passou três anos isolado sem poder comunicar-se com Tina para não comprometê-la. Dela não pode ter nunca notícias diretas. Só soube que estava a salvo e isso o tranquilizava. Por fim a condenação de Pavese foi comutada e pode regressar a Turim. Quando chegou se inteirou de que Tina – um mês atrás – havia se casado com outro. *Quando um homem se encontra em meu estado não lhe resta senão fazer um exame de consciência. Agora que cheguei à plena abjeção, em que penso? Penso quão lindo seria que essa abjeção fosse material, se tivesse por exemplo os sapatos estropiados. Escrevo Tina, tem piedade, e então?*

O trem avançava entre os montes. Interessava-lhe estudar os modos em que a linguagem era levada ao limite nas duas grandes crises da vida de Pavese. As notas do Diário entre novembro de 1937 e março de 1938, e depois as notas da primavera e do verão de 1950. Estilisticamente a resposta era a mesma. Estar fora da vida. Não deixar nada. (Só um Diário.) Mas estar fora da vida era estar morto.

"No fundo você escreve para estar como morto, para falar de fora do tempo, para transformar-se para todos numa recordação." *In, fondo, tu scrivi per essere come morto.* Estar fora da vida. Kafka pensava algo parecido.

Renzi lembrou uma citação de Kafka e a procurou em seu caderno.

Aquele que não haja conseguido alguma forma de acordo com a vida, precisará de uma de suas mãos para afastar de si dentro do possível o desespero que lhe causa seu destino – e não conseguirá grande coisa com isto – mas com a outra mão poderá anotar o que enxergar sob aquelas ruínas, porém enxergará outras coisas, mais coisas que os demais, já que estará morto em vida e será o sobrevivente real.

Era uma nota do Diário de 19 de outubro de 1921. Kafka tinha sido capaz de escrever da terra dos mortos. Tudo estava em *O caçador Graco*, o relato mais extraordinário de Kafka. *Ninguém lerá o que estou escrevendo*, escreve Graco, o eterno fantasma que vive entre os homens. E já sabemos que Graco é o nome alemão de Kafka. O morto vivo. O sobrevivente real.

Ninguém lerá o que estou escrevendo. Essa certeza era única. Kafka tinha ordenado a Dora Diamant que queimasse seus manuscritos e deitado num sofá a havia visto queimá-los. Os cadernos de seus últimos anos. De tudo isso só havia se salvado *A construção*, que não tem final e é o último relato de Kafka.

Aquele que faz esse gesto extremo, pensou Renzi, não precisa se matar. Faz esse gesto pra não se matar, impossível pra Kafka dizer basta de palavras, não escreveremos mais. Dizia continuo escrevendo porém destruirei o que tinha escrito e voltarei a escrever e ninguém me irá ler.

Aí estava a carta de Max Brod a Martin Buber. Era de 25 de janeiro de 1925: "No último ano de sua vida [Kafka] lhe pediu a sua amiga Dora Diamant que atirasse à estufa uns vinte cadernos volumosos. Ele jazia na cama e contemplava como eram queimados seus originais." A escolheu para isso? Para essa cena? "*As Kafka lay watching from the bed, Dora lit the match and touched it to the page, dropping them into the bassin as they caught FIRE. I respected his wish, and when he lay ill, I burnt of his before his eyes.*" (*Kafka's Last Love. The Mystery Of Dora Diamant.*)

Dora Diamant: a incendiária, a leitora-incendiária, a que cumpre o desejo de Kafka em seu sentido mais puro. *Uns vinte cadernos volumosos.*

E *A construção*? "As folhas finais foram queimadas por Dora, que apesar disso conseguiu resgatar parte do manuscrito."

Renzi estava relendo estas velhas notas que agora lhe pareciam intimamente ligadas a sua hipótese sobre o final de Pavese. A literatura, as mulheres e a morte.

Em todo caso, Kafka dizia que não podia escrever... Mas sempre voltava a começar. Em câmbio Pavese havia arrumado seus papéis, pensava que em seu ofício era um rei. (Kafka, por sua vez, via a si mesmo como um servidor.) Se Pavese houvesse escrito sobre esse estado haveria se salvado... Mas é preciso ser Kafka ou ser Roberto Arlt. *Escritor fracassado*. (Um pleonasma.)

Pavese então havia sobrevivido vários dias. Quando deveria ter começado a escrever, deixou de escrever. Manter-se nessa zona cinzenta. Um peixe no gelo. *Sou um morto aparente*.

Se pudesse encontrar os rastros dessa semana. Pavese escrevera uma carta, sim, um texto único. E estavam as cinzas de papéis queimados que encontraram no hotel. O que seriam? Se houvesse seguido esse caminho... Havia essa carta, um texto extraordinário que escreveu ao seu amigo Davide Lajolo momentos antes de se matar.

Na segunda-feira 28 Lajolo recebe uma mensagem urgente quando já tinha aparecido a notícia do suicídio de Pavese em *La Stampa*.

A carta é datada de 25 de agosto, em Turim.

Tendo em vista que dos meus amores se fala desde os Alpes até o cabo Passero, só te direi que assim como Cortês queimei os barcos. Não sei se encontrarei o tesouro de Montezuma, mas sei que no altiplano de Tenochtitlán são feitos sacrifícios humanos. Faz muitos anos que não pensava nessas coisas. Escrevia. Já não escreverei mais. Com a mesma obstinação, com a mesma estoica voluntariedade de lasLanghe, farei minha viagem ao reino dos mortos. Como sempre, havia previsto tudo isso há 5 anos. Quanto menos você fale desse assunto com as "pessoas", mais vou te agradecer. Você sabe o que deve fazer. Serei capaz? Tchau para sempre, teu Cesare.

Sacrifícios humanos. Escreveu a carta e então entrou na terra dos mortos.

No domingo 27 de agosto, às 8.30h da noite, um camareiro preocupado pelo cliente que não se fez ver durante o dia todo, bate duas ou três vezes na porta do quarto. Não recebe resposta e força a entrada. Cesare Pavese está morto. Jaz vestido, estendido sobre a cama. Tirou apenas os sapatos. Sobre a cômoda, frascos de soníferos. Havia cinzas nas janelas. Uns papéis queimados.

Havia tirado apenas os sapatos.

3.

A estação de Santo Stefano Belbo era triste e tranquila. Estava igual àquela que Pavese havia visto quando criança. *Santo Stefano Belbo*, leu Renzi no fundo da plataforma. Uma estação de povoado. Passeou um pouco pelo lugar. Entrou num bar escuro e fresco e pediu uma grapa. Depois voltou a sair para o calor da tarde. Subiu por um caminho que se perdia entre os álamos. No fundo, havia um sobrado, com grades. *Esposizione Cesare Pavese*. "O poeta Cesare Pavese nasceu aqui."

Tocou a campainha e o responsável demorou para aparecer. Não parecia haver muitos visitantes. Algumas salas estavam em obras, havia ocorrido uma inundação, muitos materiais tinham sido perdidos. Havia várias salas com manuscritos e fotos. Num dos quartos laterais haviam reconstruído a escrivaninha de Pavese. A mesa de trabalho em frente à janela que dava para

as colinas, vários dicionários, uma Remington, um romance de Scott Fitzgerald. (Era *Tender is the night*.) Havia um par de óculos de aro negro, um lápis Faber número 2, um abajur quebrado, os restos mortais de uma vida.

Numa vitrine estavam os originais do Diário. Isso era o que ele tinha vindo para ver. Folhas escritas com sua letra microscópica, cartões, o avesso de páginas traduzidas. Textos e datas, parágrafos sublinhados. Os dias acumulados de uma vida estavam aí.

Numa página colocada à maneira de capa, Pavese havia escrito com lápis azul: *Il Mestiere de Vivere. Diário 1935-1950*. Era o mesmo tipo de papel que havia usado para escrever a última página.

Primeira vez que faço o balanço de um ano ainda não terminado. Em meu ofício sou rei. Em dez anos fiz tudo. Quando penso nas dúvidas que tinha então! E quase ao final da página, escrita com a mesma letra firme e serena, a sentença. *Este é o balanço de um ano não terminado, que não terminarei.*

Havia deixado o Diário perfeitamente organizado, pronto para ser publicado. Se o tivesse queimado não teria se matado. (Talvez.)

Na verdade o teria escrito para que *ela* o lesse...

"Por que escrever essas coisas, que ela lerá e quem sabe a façam intervir, a voltar atrás?" Devemos pensar que até a última página do Diário deve ter sido escrito sob a obsessão de que a amada o leria ("que o saiba, que o saiba", escreveu em 27 de maio de 1950). E não pode deixar óbvia a penúltima entrada, de 16 de agosto, que está dirigida a ela: "Querida, possivelmente você seja realmente a melhor, a verdadeira. Mas já não tenho tempo de te dizer, de te fazer saber. E, além disso, embora pudesse, fica a prova, a prova, o fracasso."

Virá a morte e terá teus olhos.

Havia uma série de livros que reproduziam em sua forma essa tensão impossível. *O túmulo sem sossego* de Connolly, *O anjo subterrâneo* de Kerouac. Eram como cartas, notas pessoais, livros sem forma. Uma mulher real está atrás da escritura. "Se esta garota infiel me esquecesse, não haveria ninguém a quem escrever", dizia Connolly.

Aqueles que entendiam as mulheres escreviam livros muito elegantes: Flaubert, Henry James. Aqueles que não as entendiam, escreviam livros caóticos: Melville, Malcolm, Lowry. Tinha que fazer uma teoria sobre essa relação. Kerouac havia escrito sua confissão em uma noite e Pavese seu livro ao longo de trinta anos, porém a questão era a mesma. Connolly: Um verão em Londres. Tudo era uma questão de intensidade. De metamorfose.

Os livros escritos por amor a uma mulher, durante o amor ou depois do amor. Poderia se fazer uma cartografia. Os que não podem se separar de uma mulher (F. Scott. Fitzgerald) e escrevem sobre ela. Os que se separam de todas as mulheres (Kafka) e não escrevem sobre elas de forma alguma. Os que são abandonados (Pavese) e escrevem para ela. Transformações de Beatriz.

Entender as mulheres. Pavese era incapaz. Contudo havia suspeitado de algo. Renzise lembrou de uma observação muito sagaz no princípio mesmo de *O ofício de viver* e a leu agora num manuscrito, na vitrine.

"2/outubro/1936. Estou desolado por haver descuidado sempre até agora das formas, dos modos, por não haver criado para mim um estilo de comportamento. Por que as mulheres em geral têm melhores modos que os

homens? Por que devem esperar tudo de seu efeito *formal*, enquanto os homens esperam tudo do *conteúdo* de seus atos. É necessário tornar-se mais mulher.”

Se houvesse se tornado mais mulher haveria se salvado. Buscava a forma na vida. Assim se entende o título do Diário (e seu fracasso). Só havia aprendido a escrever.

- Olhe esta foto, essa é Constance Dowling, *Connie*, a bela, a atriz estadunidense, *thelastlove*. Por ela se matou.

A voz vinha de trás e Renzi se virou. O homem que havia falado com ele olhava intensamente a foto, inclinado, com as mãos nas costas e os óculos sobre a testa. Parecia míope. Era magro, com cara chupada, vestido com um perramus branco.

Na parede se via o retrato em preto e branco de uma garota numa pose muito estudada e logo uma instantânea de Pavese com a mesma garota, no terraço de um hotel nas montanhas.

- Morrer por uma atriz e ainda mais estadunidense – disse o homem, e sorriu com um gesto de maldade -. Pavese se apaixonou perdidamente por Connie. Passaram uns dias num hotel nos Alpes, disso resulta esta foto. Mas ela foi para Los Angeles e se casou com outro. Morreu num acidente alguns anos depois, veja, se houvesse ficado com Pavese talvez haveria se salvado... e ele também. Embora não pudesse estar com a mulher. Mas se matar por isso? Por esse probleminha ridículo..., todos temos algum probleminha ridículo.

O homem falava um italiano estranho que Renzi compreendia perfeitamente. Sempre entendia melhor uma língua alheia quando era falada por um estrangeiro. Parecia polonês, um conde polonês (como todos os poloneses no exílio, segundo Dostoievski).

Era polonês, mas não era conde.

- Sou apenas um colecionador polonês – disse.

Havia feito uma pequena descoberta e queria integrá-la à coleção de Pavese. Por isso estava ali. Ia de museu em museu oferecendo suas façanhas. Fazia pouco tempo que havia vendido a máquina de escrever de Ezra Pound ao museu de Rapallo. No ano interior havia conseguido o original da perna ortopédica que o vendedor de bíblias roubara da menina inválida em um conto de Flannery O'Connor.

Neste caso tratava-se de algo muito especial. A presença espectral de uma mulher. O fantasma da amada infiel. Um filme. *Black Angel*, um *film-noir* (assim disse) no qual aparecia Constance Dowling, jovem e belíssima, num papel breve mas extraordinário. Era o Anjo Negro, *a beautiful hard-boiledblackmailer* – acrescentou -, A mulher depravada que era morta no filme com um cachecol branco. Connie poderia ser vista eternamente em toda sua juventude e sua beleza nesse filme de 1946.

Disse que tinha certeza de que Pavese tinha uma cópia do filme. E que a olhava, nas tardes de verão, depois que ela o havia abandonado e havia ido embora para Los Angeles para se casar com outro.

A história estava baseada num romance de Cornell Woolrich (do grande Cornell Woolrich, disse). O havia dirigido Roy William Neill, o melhor diretor de série B de Hollywood, um irlandês genial, um grande desconhecido. Foi seu último filme, o estreou em agosto de 1946 e morreu no mês seguinte.

Tudo lhe parecia significativo e tudo lhe parecia extraordinário, como se estivesse louco.

O princípio do filme estava centrado em Constance Dowling. Inverno em Nova York. Um apartamento de luxo. A garota tinha um litígio com a governanta, discutem por um cachecol branco. Connie fica sozinha. Há um aquário com um peixe escuro que nada, só, na água transparente. Lá fora, parou de nevar. A garota coloca o aquário na sacada para que o peixe tenha umas horas de luz natural, então entra no quarto, mas deixa a janela aberta. No final da sequência, quando a polícia entra na casa, dois dias depois, encontram Connie estrangulada com o cachecol. A janela está fechada, o peixe lá fora no aquário congelado. (Um peixe imóvel num bloco de gelo.) E a garota morta no chão.

Pavese tinha a única cópia completa do filme, sem os cortes que os distribuidores haviam feito na sequência inicial. A versão comercial tinha 81 minutos – disse o polonês com ar satisfeito -, mas *esta* cópia tem 85 minutos.

Uma pequena diferença. Porém isso é o que interessa aos colecionadores. As *pequenas* diferenças. O desvio na série. O objeto único. Por exemplo, a máquina de escrever de Pound tinha o teclado ao contrário porque Pound era canhoto. Certamente esta única cópia do filme era a de Connie. E essa era a que ele havia conseguido.

- É meu ofício – disse -. Encontrar a diferença.

Continuaram conversando mais um pouco, terminaram de percorrer a casa e por fim Renzi decidiu ir embora. Já era tarde, tinha que voltar a Turim. O polonês o acompanhou até a porta.

- Há um ônibus que o leva para a estação, passa a cada meia hora, no cruzamento, aí. – apontou um caminho próximo.

Despediram-se. E o polonês se distanciou em direção a casa, levemente inclinado, com as mãos nas costas. Que estranho. Parecia morar aí. Sozinho, preso na casa vazia. Como se fosse o guardião do museu. Um polonês. Seria possível?

Renzi saiu para a rua e subiu o caminho em declive até a estrada que levava para o povoado. Era o fim da tarde mas o calor não havia cedido. Parou no cruzamento, sob uma árvore, à espera. As colinas eram as mesmas que Pavese descrevia em seus livros. Suaves e claras, pareciam mover-se entre as nuvens e os vinhedos e os velhos casarões de telhas vermelhas. Passavam alguns carros pela estrada com os faróis acesos ao anoitecer.

O dia havia sido tão intenso e tão diferente. Por momentos havia conseguido esquecer Inês. E o polonês? Um colecionador. Como eu, pensou. De quê? De réplicas.

De repente um carro cruzou na frente dele e se deteve um pouco mais adiante e retrocedeu. Uma mulher colocou a cabeça pela janela.

- O que está fazendo? Te levamos.

Era Inês. Estava ali.

- Então era você.

- Te vimos no bar...

O homem de cabelo branco sentado junto dela fumava, indiferente. Inês desceu do carro.

- E o que você faz por aqui? – perguntou.

Subitamente, Renzi se ouviu dizer:

- Vim para te esquecer.

- Eu também vim para te esquecer – disse ela, e começou a rir -. Vamos para o norte, se quiser te levamos.

- Não, obrigado – disse Emílio, e ele também sorriu.

Ficaram um momento calados. Por fim, Inês roçou-lhe o rosto levemente com os lábios e depois se afastou. Ela se virou antes de entrar no carro e se olharam outra vez. O carro se perdeu numa nuvem de poeira.